



16° Congresso de Iniciação Científica

EVOLUÇÃO RECENTE DAS RELAÇÕES TRABALHISTAS NA LAVOURA CANAVIEIRA DE PIRACICABA: ANÁLISE DE PESQUISA DE CAMPO

Autor(es)

HELENA MELGES

Orientador(es)

MARIA THEREZA MIGUEL PERES

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

A cultura da cana-de-açúcar foi introduzida no município de Piracicaba e expandida para sua mesoregião a partir do Ciclo Açucareiro Paulista, na segunda metade do século XVIII. A produção da cana-de-açúcar, realizada, até meados dos anos 50, em regime de colonato, sendo este uma relação de trabalho característica de uma forma de organização econômica e social rural na qual o trabalhador trabalha com sua família uma porção de terra sob condição de destinar parte de sua produção ao seu proprietário. O colonato vai progressivamente sendo eliminado, a partir da década de 1950, para a partir da década de 1960, dar lugar aos trabalhadores volantes, que são trabalhadores que moram na cidade e alternam empregos rurais e urbanos. A região de Piracicaba era a produtora tradicional do Estado de São Paulo até 1930, e estava vocacionada para a cultura da cana desde o final do século XVIII.

A substituição de culturas menos rentáveis por outras atividades mais lucrativas, não foi o único fator que provocou mudanças ocorridas na agricultura paulista. Essas mudanças foram acompanhadas de alterações na base técnica de produção em função dos incentivos criados pelas políticas agrícolas de modo geral, e a do crédito rural subsidiado, em particular. (SILVA, 1981) A utilização das máquinas e equipamentos agrícolas, é um dos fatores associados à maior concentração do crédito rural, bem como do processo de concentração fundiária no Estado de São Paulo nos últimos anos.

O advento das usinas no final do século passado, que inicia um período de grandes transformações nos aspectos técnico, econômico e social é um aspecto importante que teve impacto na formação econômica da região de Piracicaba e do seu mercado de trabalho. Segundo Maluf (1984, p. 23), a usina, como grande unidade fabril capitalista, significou, pois, a exigência de um novo padrão administrativo, técnico e de controle da produção. Com o processo de modernização da agroindústria canavieira e o advento das usinas, os antigos proprietários de engenho foram pouco a pouco se transformando em fornecedores de cana. A intensificação da modernização do setor industrial das usinas, na década de 60, criou condições para que

elas aumentassem seus rendimentos e progressivamente eliminassem o pequeno produtor.

A mesoregião de Piracicaba apresenta a predominância do uso de mão-de-obra temporária para o corte de cana, embora já existam máquinas que realizam tal empreitada. Surgiram denúncias sobre a utilização de trabalho escravo no corte da cana nesta região. Os trabalhadores foram contratados sem o respeito às normas e regras impostas pela legislação trabalhista. Embora exista uma relação histórica desta região com a produção de cana, nos últimos anos esta vem sendo ameaçada em função de algumas transformações institucionais, dentre elas o abandono de regulamentação do Estado.

Neste cenário vale ressaltar a legislação ambiental, que define prazos para a eliminação da queima da cana. O problema é que, no município, grande parte do solo tem uma declividade superior à suportada pelas máquinas, inviabilizando sua utilização. Assim, enquanto máquinas adequadas não surgem superando este limite nesta região vive-se um dilema em torno das perspectivas futuras do cultivo de cana.

As diversas questões envolvidas: as ambientais e de saúde, o desemprego gerado pela substituição da mão-de-obra pela colheita mecânica, o deslocamento da produção para regiões mais adequadas à colheita mecanizada, dentre outras, requerem que o problema seja refletido com cautela não somente pelas autoridades, como pela sociedade como um todo, para que os prazos estipulados para a eliminação das queimadas atendam as demandas de toda a sociedade. (DIAS DE MORAES, 2000, p. 90)

Além deste aspecto, a fiscalização nas relações de trabalho tem sido intensificada, no que diz respeito aos direitos do trabalhador rural a forma pela qual se dá a intermediação da mão-de-obra. Segundo Morais Silva (2004), em 1963 foi votado o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), pelo qual as leis trabalhistas, vigentes desde 1943, eram estendidas aos trabalhadores do campo. Tradicionalmente, os trabalhadores rurais estavam excluídos do processo político do país, em virtude da ideologia dominante que os representava como portadores do atraso, incapazes de serem portadores de consciência política. Os milhares de parceiros, arrendatários, colonos e moradores, que tinham direito às pequenas roças, não tiveram seus interesses contemplados por esta lei.

Segundo o Sindicato dos Empreiteiros Rurais existem vários arranjos que explicam as formas de intermediação da mão-de-obra e percebe-se que as irregularidades se apresentam por dois motivos: pelo fato dos “Gatos” não regularizarem a situação dos trabalhadores e pelo fato dos trabalhadores não residirem no estado onde se necessita desta mão-de-obra.

Assim, foi destacado que ainda há uma parcela dos trabalhadores temporários que não possuem registro em carteira. Segundo os empreiteiros este “gato” acaba prejudicando a imagem da categoria, e ao mesmo tempo atrapalhando seu exercício.

2. Objetivos

O objetivo desse artigo é apresentar os diversos arranjos relativos às relações de trabalho entre fornecedores, usinas e trabalhadores, na lavoura canavieira na mesoregião de Piracicaba e identificar as razões econômicas que justificam tais arranjos.

3. Desenvolvimento

O projeto de iniciação científica em tela utilizou os resultados da pesquisa de campo para a mesoregião de Piracicaba, realizada pela equipe de pesquisa do Projeto Mãe a que está vinculado.

Para a terceira fase da pesquisa, no qual se insere este trabalho de iniciação científica de caráter mais qualitativo, elegemos 3 das 7 mesoregiões para caracterizar os arranjos relativos as relações de trabalho:

Piracicaba, a mais antiga, Ribeirão Preto a mais moderna e São José do Rio Preto que consideramos uma região de fronteira de expansão da agroindústria nos anos recentes.

No que se refere ao projeto específico da iniciação científica, os resultados relativos à mesoregião de Piracicaba são analisados a partir das informações obtidas junto aos 10 empreiteiros de mão-de-obra que foram entrevistados.

4. Resultado e Discussão

A mesoregião de Piracicaba é uma das quinze mesoregiões do estado brasileiro de São Paulo. É formada pela união de 26 municípios agrupados em três microrregiões: Limeira, Piracicaba e Rio Claro.

Segundo dados da pesquisa, analisando a produção agrícola de cada município da mesoregião de Piracicaba no ano de 2006, pode-se dizer que a cana-de-açúcar se sobressai em relação aos outros produtos, tanto da lavoura permanente como da lavoura temporária, conforme observa-se na tabela 01:

Há um total de 11 usinas de cana na mesoregião de Piracicaba. Segundo dados do IBGE/2007, a mesoregião de Piracicaba tem 1.322.072 habitantes, sendo o município mais populoso Piracicaba com 358.108 habitantes.

Segundo a AFOCAP (Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba), baseado na safra de 2005/06, há na mesoregião de Piracicaba 3.800 fornecedores de cana associados nesta associação.

Os dados da pesquisa revelam que cerca de 60% dos fornecedores ativos da mesoregião de Piracicaba arrendaram terras de terceiros na safra de 2004, o que indica que parte daqueles que possui estabelecimentos com área muito pequena para a atividade canavieira (menos de 100 ha) esteja utilizando o mercado de terras para, via arrendamento de terras, ampliar a área plantada e alcançar escalas compatíveis com os requerimentos tecnológicos do novo surto de modernização que vem caracterizando o setor.

A análise dos questionários desta pesquisa, foi desenvolvida com 10 empreiteiros de mão-de-obra da mesoregião de Piracicaba. O empreiteiro de mão-de-obra é quem assina a carteira do trabalhador e é responsável pela formação das turmas de cortadores, podendo ser classificado como pequeno, médio ou grande, dependendo do número de turmas que tiver sob sua responsabilidade, variando entre uma turma para os pequenos empreiteiros e quatro ou mais turmas para os considerados grandes empreiteiros. Para as atividades que envolvem a disciplina e controle das turmas, os empreiteiros contratam os turmeiros. Cada turma tem cerca de 45 trabalhadores, o equivalente à lotação de um ônibus (veículo que os transporta para o trabalho). Já o “gato” é quem participa de alguma dessas atividades, como empreiteiro ou turmeiro, porém de forma ilegal, visto que não formaliza os contratos com os trabalhadores.

Dos empreiteiros entrevistados, 40% é fornecedor de cana, tendo estes maior experiência de trabalho nessa cultura, diferenciando-se dos demais. Segundo dados coletados da pesquisa de campo, 20% dos empreiteiros de mão-de-obra iniciaram as atividades em suas empresas entre 1970 e 1975, 10% entre 1986 e 1990, 10% entre 1991 e 1995, 40% entre 1996 e 2000, e 20% entre 2001 e 2005. E, 70% dos entrevistados já eram trabalhadores rurais antes de se tornarem empreiteiros, conforme mostram os gráficos 01 e 02:

Dos entrevistados, 80% resolveram atuar como empreiteiro de mão-de-obra, com o objetivo de aumentar a renda, e 20% continuou os negócios da família, e 50% destes tem membros da família que atuam como turmeiro. De acordo com a pesquisa de campo, as empresas dos empreiteiros oferecem alguns tipos de serviços como plantio e tratamentos culturais. Em relação ao trabalho, 40% dos empreiteiros trabalham apenas para usinas, 20% trabalham apenas para fornecedores, e 40% trabalham para usinas e também para fornecedores.

Quanto aos contratos com as usinas todos estes são de acordo com a safra. E os que trabalham para fornecedores disseram que o contrato é verbal. Todos os entrevistados disseram quem tem empresa aberta, sendo a mais antiga aberta desde 1974 e a mais recente aberta em 2005. As empresas destes entrevistados

são registradas na junta comercial ou na prefeitura como prestação de serviços e mão-de-obra (cultivo, colheita, plantio e transporte de cana-de-açúcar).

Segundo 90% dos empreiteiros, a quantidade de trabalhadores selecionados desde 1981, aumentou muito em relação ao ano de 2005. A justificativa para este aumento, é de que a cana-de-açúcar tem atraído novos adeptos, sendo que as lavouras de laranja estão aos poucos sendo substituídas pela cana, e com isso está havendo um impulso no mercado, provocado pela produção em grande quantidade de açúcar e álcool.

De acordo com os empreiteiros, houve grandes alterações nas relações de trabalho no decorrer nas décadas. Segundo eles, o trabalhador está mais amparado pela lei, o que não acontecia antes. A legislação atual é mais presente através de órgãos e mecanismos de fiscalização e conseqüentemente tem maior preocupação com o trabalhador, que não acontecia no passado. Conforme dados da pesquisa, todos os empreiteiros respeitam a lei e registram seus trabalhadores.

Quanto à remuneração dos trabalhadores, estes ganham por tarefa e piso salarial na entressafra. Tarefa = R\$ 2,57 por tonelada/cana; Piso Salarial = R\$ 462,00 (30 dias) e Diária = R\$ 15,40 (plantio e tratos culturais). E ainda foi possível constatar que 70% dos empreiteiros fornecem alojamento em boas condições aos trabalhadores, e não é cobrado aluguel destes. Os que não fornecem alojamento justificam que os trabalhadores residem perto do local de trabalho, vão trabalhar no campo, e voltam para casa. Neste caso, os empreiteiros fornecem transporte para a locomoção destes trabalhadores. A alimentação é fornecida aos trabalhadores por 80% dos empreiteiros, sendo esta cobrada conforme acordo estabelecido pelo sindicato (20% do piso salarial = R\$ 92,40). Aos trabalhadores que não recebem alimentação dos empreiteiros, cabe trazer de suas casas, causando assim mais uma despesa estes. Todos os empreiteiros entrevistados se responsabilizam pelo transporte, e este não é cobrado.

5. Considerações Finais

Quanto aos resultados até o momento identificados podemos constatar que o universo dos fornecedores de cana no Estado de São Paulo apresenta uma grande heterogeneidade social aprofundada pela desregulamentação da agroindústria canavieira, dificultando, portanto uma tipificação desse contingente social. Foi possível identificar também o nível de integração, dependência desse contingente as usinas e destilarias, assim como o problema que os envolvem na absorção da mão-de-obra temporária rural.

A cultura da cana-de-açúcar vem se expandindo rapidamente principalmente no oeste paulista. O crescimento da cana foi alavancado pelo forte crescimento do consumo de álcool no país, combustível este, que está conquistando o mercado internacional com significativa expressão.

O Sistema Agroindustrial Sucroalcooleiro brasileiro tem grande importância tanto no mercado doméstico como no de exportação, diferenciando-se dos demais países por produzir, em escala industrial, tanto açúcar como álcool.

Do ponto de vista do emprego e das relações de trabalho, a grande questão, é que a modernização da agricultura paulista, predominante nos anos 60/70 é apenas parcial: ocorre principalmente nas fases da produção características da entressafra, como o plantio e o tratos culturais, ficando a colheita dependente do trabalho manual e, portanto, de um volume grande de trabalhadores.

Apesar dos empreiteiros contemplados pela pesquisa de campo explicarem como são os procedimentos para contratação de trabalhadores do norte e nordeste para o corte de cana, afirmaram que parcela deste contingente não voltou para suas cidades de origem e muitos deles permanecem no Estado de São Paulo e continuam a trabalhar no corte de cana.

Esse é um aspecto importante quando constatamos a tendência crescente do uso de máquinas que substituem o emprego da força de trabalho humana. Ou seja, há ainda um número expressivo de trabalhadores e suas famílias que sobrevivem as custas destas remunerações.

O desemprego é algo decorrente quando se trata de mecanização, no qual o pequeno fornecedor não escapa dessa colocação. Por isso que o pequeno fornecedor delimita suas opções na questão de investir

Gráfico 01: Ano em que as empresas dos empreiteiros iniciaram suas atividades

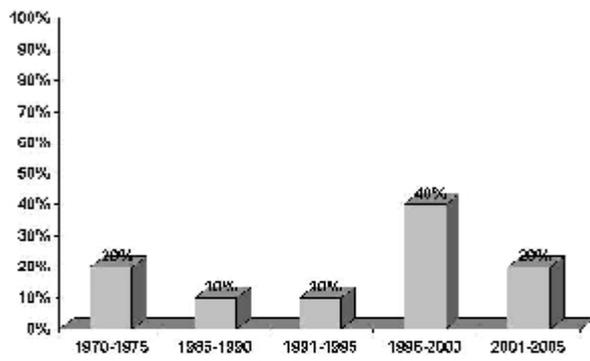


Gráfico 02: Atividade dos entrevistados antes de se tornarem empreiteiros de mão-de-obra

